



POLARIZAÇÃO ECONÔMICA, TRABALHO E RELAÇÕES SOCIAIS NO AGLOMERADO URBANO-INDUSTRIAL DO CARIRI CEARENSE

Antônio Lucas Cordeiro Feitosa¹
Silvana Nunes de Queiroz²
José Raimundo Cordeiro Neto³

RESUMO: *Esta comunicação explora o contexto das relações sociais formadas a partir do trabalho na indústria calçadista da região do Cariri, no sul cearense. Parte da caracterização dessa região como um espaço de polarização econômica, onde três municípios aglomeram condições de vida e oportunidades de emprego capazes de atrair indivíduos de outros territórios, com ênfase para o papel da indústria de calçados, produção tradicional na região. Assim, o artigo objetiva estabelecer algumas diretrizes para a investigação científica sobre a sociabilidade constituída nesse locus de interação social. Reunindo dados secundários e constatações obtidas pelos estudos de outros autores, o presente trabalho sugere que o tema seja abordado a partir de explorações futuras que considerem o caráter urbano e espacial das relações num contexto de mudanças no mundo do trabalho e da produção. Também, propõe a esquematização de uma metodologia que privilegie a comparação entre as redes de sociabilidade nas quais se envolvem trabalhadores naturais e não-naturais do Cariri, através de procedimentos que se iniciem pela utilização de dados secundários e se direcionem para a realização de pesquisa de campo, a fim de coletar informações relacionadas diretamente ao cotidiano dos sujeitos pesquisados.*

Palavras-chave: Polarização econômica; Trabalho; Sociabilidade; Cariri.

1 INTRODUÇÃO

O espaço produtivo do Cariri cearense é fortemente marcado pela presença do Triângulo CRAJUBAR (cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha), dada a sua considerável densidade de atividades urbano-industriais. Nesse espaço, destaca-se a indústria calçadista como uma das que mais lhe conferem dinâmica socioeconômica, tornando a região capaz de atrair mão-de-obra de outros municípios do estado e de outras regiões do país. Esse aspecto do lugar permite que se coloquem em questão as formas de integração e sociabilidade dos trabalhadores da indústria de calçados no espaço urbano, visto que há, nele, a integração de vivências entre indivíduos naturais e não-naturais do Triângulo CRAJUBAR, reunidos pelo processo de trabalho. Nesta comunicação, busca-se apresentar, justificar e problematizar este tema a fim de esquematizar algumas diretrizes que permitam avançar posteriormente no desenvolvimento da investigação do mesmo. Para tanto, as próximas seções dão o recorte teórico e analítico do que se pretende nessa perspectiva.

Metodologicamente, os procedimentos utilizados no presente trabalho fizeram uso de dados secundários diversos e do levantamento de material bibliográfico disponível sobre as

¹AUTOR: Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Bolsista de Iniciação Científica – PIBIC – CNPq. E-mail: cordeirofeitosa@bol.com.br.

²CO-AUTOR: Professora Assistente do Departamento de Economia – URCA. Mestre em Economia pela UFPB e Assistente de pesquisa do NEPO/Unicamp.

³CO-AUTOR: Professor de Economia – Universidade Federal do Vale do São Francisco – Univasf. Bacharel em Ciências Econômicas e especialista em Desenvolvimento Regional pela URCA.



questões levantadas. As informações assim obtidas foram sistematizadas ao longo do texto, entrelaçando argumentos para a defesa das propostas apresentadas em termos de desdobramentos para a atividade de investigação científica relacionada à dinâmica das redes de sociabilidade no cenário urbano do CRAJUBAR.

2 O TRABALHO E A SOCIABILIDADE NA DIVERSIDADE DE CONTEXTOS PRODUTIVOS

Um dos principais elementos que explica a forma como as pessoas interagem, em um determinado espaço, é a configuração das redes de sociabilidade nas quais elas se inserem, seja nos seus ambientes de moradia, de trabalho, de lazer, dentre outras dimensões de suas vivências. Essas relações são fundamentais para o entendimento das particularidades de cada território e dos aspectos que mais impactam na qualidade de vida.

Para a literatura clássica sobre esse tema, a sociabilidade dos sujeitos individuais e coletivos advém de suas relações de trabalho, sendo este o eixo central do fenômeno social. Os desdobramentos mais recentes da Sociologia, entretanto, conferem grande relevo a outras atividades na explicação para as estruturas da sociedade, a exemplo dos hábitos de consumo e dos estilos de vida (MOTA, 2005).

A emergência de novas centralidades na constituição das identidades é um reflexo das transformações ocorridas no mundo do trabalho nas últimas décadas, dentre as quais se podem citar as conseqüências da reestruturação produtiva, a desregulamentação e a flexibilização das relações de trabalho, o desaparecimento de diversos postos de emprego ocasionado pela automação e a tendência à precarização das condições de trabalho. Para Castells (2007, p. 316), trata-se de mudanças determinadas pelo paradigma informacional: “a difusão de tecnologia da informação em fábricas, escritórios e serviços reacendeu um temor centenário dos trabalhadores de serem substituídos por máquinas e de se tornarem impertinentes à lógica produtivista que ainda domina nossa organização social”.

Segundo o referido autor, as novas condições impostas pelo paradigma emergente não impedem que o processo de trabalho seja entendido como o cerne da estrutura social, já que “em qualquer processo de transição histórica, uma das expressões de mudança sistêmica mais direta é a transformação da estrutura ocupacional, ou seja, da composição das categorias profissionais e do emprego” (CASTELLS, 2007, p. 266). Acrescente-se que a economia informacional - na qual a fonte de produtividade reside, sobretudo, na geração de conhecimento, presenciando o declínio de importância da indústria em face do dinamismo crescente do setor de serviços - não ocorre homogeneamente em todo o mundo, sendo mais visível nas nações desenvolvidas.

Em especial, os países em desenvolvimento apresentam pouco ou nenhum ingresso na etapa que muitos autores denominam de pós-industrial e ainda vêm na industrialização o principal alvo das políticas de transformação social, como fonte de maior produtividade econômica e geração de emprego e renda. Isso evidencia, conforme Araújo (2007, p. 8), que “a transição não ocorre de forma linear, tão pouco, de maneira contínua - formas antigas e modernas se contrapõem e se conjugam, demonstrando a complexidade do processo [...]”.

De acordo com essas considerações, compreende-se que as relações do mundo do trabalho não podem apresentar, de forma igual, os mesmos passos em todos os países. Pelo contrário:

[...] sabemos que a tecnologia em si não é a causa dos procedimentos encontrados nos locais de trabalho. Decisões administrativas, sistemas de



relações industriais, ambientes culturais e institucionais e políticas governamentais são fontes tão básicas das práticas de trabalho e da organização da produção que o impacto da tecnologia só pode ser entendido em uma complexa interação no bojo de um sistema social abrangendo todos esses elementos (CASTELLS, 2007, p. 304-305).

Tem-se, mediante essas observações, que a sociabilidade centrada no trabalho é um fenômeno que se pode observar em diversas situações, especificamente nos espaços de industrialização recente ou em expansão. Essa constatação é válida, muito embora se reconheça o fenômeno pelo qual o trabalho perde parte de sua potencialidade como fonte de coesão social e de integração entre os homens, em virtude da tendência pós-fordista a jornadas flexíveis de trabalho e à instabilidade do emprego.

Como um país de industrialização tardia, parcial e incompleta, na classificação de Tavares (1983), o Brasil guarda características nacionais bastante específicas em termos de ocupação de sua mão-de-obra. Após o esgotamento do Processo de Substituição de Importações – PSI, no final da década de 1970, que logrou à produção brasileira inserir-se no contexto internacional como uma economia industrializada, o Brasil assistiu a severos anos de crise econômica na década de 1980. Por sua vez, a década de 1990 foi marcada, de um lado, pela busca da estabilização macroeconômica, alcançada com o Plano Real e, de outro lado, pelo rápido aumento do desemprego que passou a ser um dos grandes problemas a ser enfrentados pelas autoridades governamentais brasileiras (QUEIROZ; MOREIRA, 2007).

3 INDUSTRIALIZAÇÃO E TRABALHO INDUSTRIAL NO ESTADO DO CEARÁ

No Brasil, como a última década do Século XX foi caracterizada pela redução da intervenção econômica estatal e pela adoção de políticas neoliberais, coube aos estados um papel mais decisivo na implementação de estratégias de desenvolvimento econômico. Nesse sentido, o estado do Ceará se destacou pela sua reforma fiscal que, dentre outras ações, permitiu ao governo estadual sanear as finanças de modo a obter recursos destinados aos gastos sociais e aos investimentos em infra-estrutura, considerados essenciais para a atração de indústrias e a conseqüente geração de postos de trabalho. O ajuste das contas, juntamente com políticas de qualificação dos trabalhadores e melhorias de infra-estrutura foram práticas que tal governo associou a uma forte política de incentivos fiscais⁴, “criando um ambiente sedutor para a instalação de novas indústrias no Ceará” (QUEIROZ; COSTA JÚNIOR, 2008, p. 5).

A citada estratégia estadual, fortemente caracterizada pela adesão à “guerra fiscal”, associou-se, no cenário nacional, às estratégias do setor calçadista, que diante do aumento da concorrência internacional, procurou novas estratégias para manter-se competitivo: inovações tecnológicas, novos métodos de organização da produção e do trabalho. Essa associação repercutiu numa significativa transformação no estágio de industrialização do Ceará e, como reflexo, no número de postos de trabalho disponíveis à população cearense. Paralelamente a tal movimento, acontecia na mesma época, final dos anos 1980, que:

O setor calçadista brasileiro, no caso específico do Rio Grande do Sul, adotou a estratégia de manter no Sul do país indústrias de calçados intensivas em capital, mediante a adoção de novos métodos de organização da produção e do trabalho,

⁴ Os mais importantes programas cearenses de incentivos fiscais forma o Fundo de Desenvolvimento Industrial – FDI e o Programa de Incentivos ao Financiamento de Empresas (PROVIN).



investimento em tecnologia e terceirização das atividades de apoio; por outro lado, recorreram à estratégia de deslocar para o Nordeste, notadamente para o Ceará, indústrias de calçados intensivas em mão-de-obra, atraídas por vantagens comparativas e/ou menores custos de produção comparativamente ao Rio Grande do Sul (QUEIROZ; COSTA JÚNIOR, 2008, p. 2).

Segundo o estudo dos referidos autores, a conjugação dos fatores mencionados fez com que a indústria de calçados instalada no Ceará crescesse 565%, em termos de unidades produtivas, entre 1994 e 2004 e, em números absolutos, o estado criasse 280.100 novos postos de trabalho formais no período⁵. Atualmente, a produção cearense de calçados é a terceira maior do Brasil, ficando atrás apenas dos volumes produzidos no Rio Grande do Sul e em São Paulo. De acordo com o Sebrae (2008): “O Estado [do Ceará] conta com 518 indústrias que, juntas, exportaram US\$ 117,255 milhões, de janeiro a junho deste ano [2007]. Na balança comercial cearense, os calçados lideram a pauta, sendo responsáveis por 25,2% de tudo o que é vendido para o mercado externo”.

Acrescente-se que esse desempenho da economia cearense não foi uma característica apenas setorial. No geral, o dinamismo econômico desse estado nas duas últimas décadas do século XX superou os índices nacionais. Conforme dados apresentados por Queiroz e Moreira (2007), enquanto a taxa média de crescimento real do PIB brasileiro foi de 1,21% na década de 1980, para o estado do Ceará esse crescimento foi de 4,04%. Ao seu turno, nos anos 1990, essa taxa foi de 2,43% para o país e de 4,57% para a economia cearense.

Esse cenário fez com que a dinâmica migratória do estado do Ceará registrasse a entrada de 348.388 indivíduos na década de 1990, entre migrantes de retorno e não-naturais, atraídos pela expansão de oportunidades de trabalho, sobretudo no crescente setor industrial cearense. Desse total de migrantes, 42,57% se concentraram na mesorregião Metropolitana de Fortaleza, uma vez que este espaço concentrava, no ano de 1998, cerca de 74% das atividades industriais e 75% dos serviços do estado (QUEIROZ; MOREIRA, 2007).

A segunda mesorregião cearense que mais recebeu migrantes na década de 1990 foi o Sul do estado, com 14,31% do total, conforme o mesmo estudo apontado. Isso se deve ao fato de que a política de atração de indústrias pelo Ceará, procurou, ao mesmo tempo, desconcentrá-las da Região Metropolitana de Fortaleza. Isso levou a industrialização à áreas do interior do estado, destacando-se o Sul cearense, onde estão localizadas cidades importantes como Juazeiro do Norte, maior cidade do interior do estado em número de habitantes, e a cidade do Crato, terceira maior cidade do interior. Vale lembrar que estas ficam separadas somente por 13 km de distância, formando com a cidade de Barbalha, situada a 7 km de Juazeiro e a 20 km do Crato, o triângulo CRAJUBAR, onde se encontram a maior parte das indústrias, do comércio, das áreas de lazer do Sul cearense, além das universidades, numa significativa densidade urbana. É nesse território que se encontra o maior pólo calçadista cearense, que “[...] concentra, hoje, 162 indústrias calçadistas do Estado do Ceará, aparecendo à frente, inclusive, de Fortaleza, que abriga 81 empresas deste setor. A produção é de 8,8 milhões de pares ano. De acordo com estimativas do Sindicato das Indústrias de Calçados e Vestuário de Juazeiro do Norte e Região (Sindindústria), outras 150 são unidades informais” (SEBRAE, 2008).

⁵ Simultaneamente, entre 1994 e 2004, o setor calçadista gaúcho apresentou acréscimo percentual de 308,12% unidades produtivas, portanto inferior à elevação cearense. No tocante ao número de empregados, o Rio Grande do Sul viu reduzir-se 171.912 vagas formais na indústria calçadista, ao passar de 2.365.244 empregados em 1994 para 2.193.332 em 2004.



4 O TRIÂNGULO CRAJUBAR E A POLARIZAÇÃO DO MERCADO URBANO-INDUSTRIAL SOBRE O CARIRI CEARENSE

O triângulo CRAJUBAR apresenta elevado grau de polarização em relação aos municípios vizinhos. O trabalho de Cordeiro Neto e Brito (2007) demonstra a notável superioridade em termos de população, dos municípios do CRAJUBAR em relação aos demais, atingindo 78,77% do total de habitantes da microrregião do Cariri⁶, a principal microrregião do Sul cearense, com 404.213 habitantes, de acordo com as estimativas para o ano de 2005. Ao mesmo tempo, suas taxas de urbanização são consideravelmente elevadas, numa média de 86,75%, enquanto nos demais municípios a maior taxa de urbanização apresentada é de 59,24% (Nova Olinda), sendo a média desses últimos (Missão Velha, Nova Olinda, Porteiras, Santana do Cariri e Jardim), ainda inferior: de 40,70% (Tabelas 1 e 2). Apreende-se, inicialmente, que enquanto a maior parte da numerosa população do CRAJUBAR reside em centros urbanos, os municípios em sua volta apresentam, em conjunto, maior proporção de pessoas no campo.

TABELA 01: População, urbanização e PIB (total e *per capita*) dos municípios do Cariri

	Crato	Juazeiro do Norte	Barbalha	Missão Velha	Nova Olinda	Porteiras	Santana do Cariri	Jardim
<i>População estimada para 2005(hab)</i>	113.497	236.296	54.420	34.690	12.530	16.053	17.752	27.949
<i>Tx.de urbanização (%) (2000)</i>	80,19	95,33	65,21	39,23	59,24	28,61	48,54	27,86
<i>PIB (2002) (R\$)</i>	286.492	481.359	126.556	57.271	20.563	24.097	24.920	37.430
<i>PIB per capita (2002)(R\$)</i>	2662	2186	2591	1720	1682	1526	923	1390

Fonte: IBGE e IPECE; dados organizados por CORDEIRO NETO; BRITO (2007).

Observa-se que o triângulo CRAJUBAR também apresenta os maiores níveis de renda da área de estudo. O Produto Interno Bruto (PIB) dos seus três municípios é superior aos dos outros cinco ao seu redor, tendo somado, em 2002, o equivalente a R\$ 894.407.000, o que correspondeu a 84,48% do PIB agregado pelos oito municípios caririenses naquele ano. Em termos *per capita*, a concentração de renda se torna mais evidente. Enquanto, em 2002, além das fronteiras do CRAJUBAR o PIB *per capita* mais alto foi o do município de Missão Velha, com R\$ 1.720,00, no referido triângulo o valor mais baixo foi o do município de Juazeiro do Norte, com R\$ 2.186,00. Em média, o PIB *per capita* do primeiro grupo (CRAJUBAR) foi de R\$ 2.749,66 naquele ano, em contraste com o valor médio de R\$ 1448,20 dos cinco municípios do segundo grupo (Tabelas 1 e 2).

⁶ Considera-se aqui, como componentes da microrregião do Cariri cearense, os municípios de: Nova Olinda, Santana do Cariri, Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha, Porteiras, Missão Velha e Jardim, conforme classificação do IBGE.



TABELA 02: Participação do CRAJUBAR e demais municípios do Cariri na população e no PIB da microrregião e médias de urbanização e de PIB per capita

	População (estimativas para 2005)	%	Taxa média de urbanização (%) (2000)	PIB(R\$) (2002)	%	PIB per capita médio (R\$) (2002)
CRAJUBAR	404.213	78,77	80,24	894.407	84,48	2479,66
DEMAIS MUNICÍPIOS	108.974	21,23	40,70	164.281	15,52	1448,20
CARIRI	513.187	100	55,53	1.058.688	100	1835,00

Fonte: IBGE e IPECE; dados organizados por CORDEIRO NETO; BRITO (2007).

De acordo com os dados analisados por Cordeiro Neto e Brito (2007), no que diz respeito à estrutura industrial, o CRAJUBAR possuía, em 2003, 12.116 pessoas ocupadas em 1.146 unidades da indústria de transformação, tendo o município de Juazeiro do Norte apresentado o maior número de unidades dessa indústria (838) e também o maior número de ocupações (5.872). Em seguida, estavam Crato e Barbalha, com, respectivamente, 225 e 83 indústrias, além de 4.699 e 1.545 pessoas ocupadas. Os demais municípios do Cariri cearense somavam, juntos, 77 indústrias de transformação e 277 pessoas ocupadas.

Em termos percentuais, no ano de 2003, 93,70% das unidades industriais de transformação da microrregião do Cariri cearense, 97,76% do pessoal ocupado nas mesmas e 98,59% dos salários pagos no setor, estavam nos municípios de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha. Aproveitando-se do dinamismo gerado pela referida indústria, o CRAJUBAR ainda apresentava, no mesmo ano, 5.643 estabelecimentos comerciais e 2.087 estabelecimentos de serviços, o que correspondia, respectivamente a 88,13% e 85,53% dos estabelecimentos comerciais e de serviços da microrregião do Cariri. (TABELA 3).

TABELA 03: Participação do CRAJUBAR e dos demais municípios na Indústria de transformação (unidades, pessoal ocupado e salários pagos) e estabelecimentos comerciais e de serviços no Cariri

	Unidades de indústria de transformação (2003)	%	Pessoas ocupadas na ind. De transformação(2003)	%	Salários na ind. de transformação (2003)	%	Estabelecimentos comerciais (2002)	%	Estabelecimentos de serviços (2002)	%
CRAJUBAR	1146	93,7	12.116	97,76	58590	98,5	5643	88,1	2087	85,53
DEMAIS MUNICÍPIOS	77	6,30	277	2,24	839	1,41	760	11,8	353	14,47
CARIRI	1223	100	12.393	100	59.429	100	6403	100	2440	100

Fonte: IBGE e IPECE; dados organizados por CORDEIRO NETO; BRITO (2007).

Esses dados indicam que o triângulo formado pelas cidades do CRAJUBAR (Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha) se configura como um pólo de atração de investimentos do seu entorno, assim como representa um espaço de grande interesse para os recém-chegados ao Ceará, como verificaram Queiroz e Moreira (2007, p. 163): “a mesorregião do Sul Cearense [...] vem em segundo lugar [...] como local de destino dos migrantes (de retorno e não-naturais) que chegaram ao Ceará, [...] evidenciando o relativo poder de atração dessa mesorregião do interior cearense”.



5 O TRABALHO INDUSTRIAL E AS REDES DE SOCIABILIDADE NO ESPAÇO URBANO DO CRAJUBAR

A partir das informações apontadas, pode-se indagar como convivem os indivíduos naturais e não-naturais do CRAJUBAR nesse espaço, particularmente no âmbito do trabalho industrial, que é um dos setores que mais aglomera oportunidades de trabalho e renda para as pessoas. Ou seja, como se formam e se mantêm as redes de sociabilidade que envolvem cidadãos de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, simultaneamente à inserção de trabalhadores oriundos dos municípios vizinhos e daqueles que emigraram de outros estados brasileiros. Certamente, sendo a indústria calçadista uma das que mais caracterizam o espaço produtivo do Cariri, suas fábricas representam o *locus* estratégico mais adequado para a observação de como a sociabilidade dos seus empregados, naturais e não-naturais do CRAJUBAR, se comporta a partir do processo de trabalho.

Como a sociabilidade dos indivíduos representa um componente extremamente importante para o entendimento dos processos que possam permitir melhorias na qualidade de vida usufruída em um dado território, a pesquisa científica envolvendo esse contexto pode contribuir para a superação do delicado quadro informado por Sousa e Brito (2005), em relação às condições urbanas de vida no CRAJUBAR. Assim, os aspectos ressaltados a seguir complementam a justificativa para a importância de futuros estudos com o objetivo de ampliar o conhecimento disponível sobre os fatores relacionados ao objeto que se está problematizando.

No Índice de Qualidade de Vida calculado pelos autores citados⁷, para o CRAJUBAR, obteve-se resultado que representa média qualidade de vida, não obstante o valor encontrado, de 0,3415, estivesse a uma ínfima distância do limite de baixa qualidade de vida. Nesse contexto, pesaram os indicadores de segurança, inclusão social e emprego e renda como os de piores resultados⁸.

Quando se considera a importância das oportunidades de emprego oferecidas pela indústria de calçados no Triângulo CRAJUBAR, compreende-se a centralidade que a dinâmica desse setor confere a esse espaço urbano, pela oferta de trabalho para milhares de pessoas. Considerando apenas as unidades produtivas formais, conforme os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) – 2006, tem-se que essa atividade emprega quase 6 mil pessoas no referido centro (Tabela 04). Para o Sebrae (2008), levando-se em conta empresas formais e informais, são gerados 8,8 mil empregos no pólo calçadista do Cariri.

TABELA 04: Número de empregados na indústria formal de calçados do CRAJUBAR - 2006

	Crato	Juazeiro do Norte	Barbalha	CRAJUBAR
Total de empregados	2.277	2.552	503	5.832

Fonte: RAIS (2006)

⁷ A partir de pesquisa de campo, Sousa e Brito (2005) revelaram que a maior frequência nesse espaço é de pessoas com o ensino fundamental incompleto (43,90%) e que $\frac{3}{4}$ dos domicílios do triângulo recebem um rendimento familiar que não ultrapassa três salários mínimos, sendo que 45,03% das famílias têm de 3 a 5 componentes.

⁸ Fica claro que a indústria calçadista no CRAJUBAR, ainda que se configure como um setor importante de geração de oportunidades de inserção no mundo do trabalho, também apresenta distorções consideráveis. Como lembram Queiroz e Costa Júnior (2007, p. 15): “Quando se somam as duas faixas de rendimentos mais baixas, constata-se que as diferenças salariais existentes entre os trabalhadores no Ceará e no Rio Grande do Sul, sem dúvida, foram um dos motivos para a vinda de indústrias de calçados gaúchas para o Ceará. Em 2004, 93,46% dos empregados na indústria formal de calçados no Ceará ganhavam no máximo até 2,0 salários mínimos, contra apenas 6,51% que se encontravam nas demais faixas de rendimentos”.



Na perspectiva esboçada, concorda-se com Mota (2005, p.30), ao afirmar que “o trabalho é fonte de constituição de identidades e inserção social, muito embora a pluralidade de situações de trabalho na virada de século seja um dado a ser considerado”. Tem-se ainda que se considerar que:

A sociabilidade é abordada por ser uma condição de interação vivenciada por todos os trabalhadores, dentro e fora dos lugares de trabalho, particularmente no atual contexto de reestruturação produtiva, em que as fronteiras que separam o âmbito do trabalho do não-trabalho estão difusas. Em conseqüência, as interações vivenciadas em lugares de habitação tendem a se estender a outras esferas da vida cotidiana, como o trabalho (MOTA, 2005, p. 61).

Em face da industrialização do Cariri cearense, mais especificamente do CRAJUBAR, emerge nesse território uma dinâmica de relações sociais novas, que, ao contrário do que se pensa comumente, não foi fundada exclusivamente pela chegada das indústrias de outras regiões, dado que a produção caririense de calçados já possuía tradição histórica⁹. Para Araújo (2007), a chegada da grande empresa nesse contexto passou a desarticular vínculos sociais antes estabelecidos, “desfazendo identidades e criando outras, a partir da qualificação do trabalhador e de novas relações sociais que se estabelecem” (p. 13). Nas palavras da autora: “as mudanças ocorreram em meio a um jogo de forças fundadas em mudanças e permanências, nas tramas do tradicional e do moderno, imbricação no ato de preservar e reinventar” (p. 20).

Por conseguinte, no caso dos trabalhadores da indústria calçadista do CRAJUBAR, é necessário que se compreendam os processos de participação dos mesmos em redes de sociabilidade diversas (nos bairros de moradia, nos espaços de lazer, nos espaços associativos, nas equipes de trabalho, nas práticas da religiosidade, etc.). Uma forma de abordagem pode consistir em entendê-las a partir da atividade de trabalho dos empregados, associando-se suas formas de sociabilidade com o seu perfil (gênero, idade, origem, estado civil, escolaridade, experiências anteriores, local de moradia, rendimento, etc.) e com as características de sua ocupação (tipos de indicação, posição ou cargo, possibilidades de ascensão profissional, rotatividade no trabalho, natureza do vínculo empregatício, dentre outras). Pela relevância da interação de vivências diversas nesse espaço social, as metodologias de investigação serão mais profícuas ao privilegiar tratamentos que permitam comparar, entre empregados naturais e não-naturais do CRAJUBAR, as diferentes formas de inserção em redes de sociabilidade que possam ser verificadas.

6 ALGUMAS DIRETRIZES PARA OS PRÓXIMOS TRABALHOS

Após percorrer o processo de compreensão analítica do problema delineado nos parágrafos acima, o que aparece como objetivo central para futuros exercícios de investigação científica é investigar as formas de sociabilidade vivenciadas pelos trabalhadores da indústria formal de calçados, entre os indivíduos naturais e não-naturais do CRAJUBAR, no espaço urbano do Cariri cearense.

⁹ A produção calçadista caririense tradicional era caracteristicamente assentada no fabrico de calçados de couro. Porém “uma série de fatores levou muitos produtores que utilizavam o couro a optar pelos materiais sintéticos. O acesso ao material, facilidade de manusear e preço acessível, somados a um tempo mais curto na produção, foram decisivos para utilização dos novos materiais” (ARAÚJO, 2007, p. 10).



O esforço feito no sentido de atender a esse intuito não pode prescindir do esboço do perfil da indústria formal de calçados do CRAJUBAR, em termos de porte, tipo de produção, número de trabalhadores, formas de contratação de trabalhadores, dentre outros aspectos. Uma vez reunidas as informações que proporcionem uma visão mais clara do pano de fundo em que as variáveis a serem trabalhadas estão imersas, poder-se-ia avançar partindo da dimensão inicial, mais agregada, para o universo microssocial em questão, especialmente no tocante ao cotidiano dos sujeitos sociais.

Descrever o perfil (gênero, idade, origem, estado civil, escolaridade, experiências anteriores, local de moradia, rendimento, etc.) do trabalhador da indústria formal de calçados do CRAJUBAR e suas formas de inserção em redes de sociabilidade (nos bairros de moradia, nos espaços de lazer, nos espaços associativos, nas equipes de trabalho, nas práticas da religiosidade, etc.) será um segundo passo. Este deverá ser realizado de tal forma que o viabilize o terceiro.

A terceira etapa seria verificar as principais semelhanças e diferenças entre as redes de sociabilidade das quais participam trabalhadores naturais e não-naturais do CRAJUBAR, na indústria formal de calçados. Assim seria atendido o recorte proposto, entre indivíduos que ingressaram num mundo de trabalho de “caráter local”, que, de certo modo, já pertencia ao seu território, e aqueles que se deslocaram dos seus locais de origem para se inserirem em relações construídas em outro espaço, fora de seu contexto inicial.

Uma pesquisa formatada a partir desse norte se caracterizaria como explicativa. Para Gil (1999), são pesquisas explicativas aquelas:

[...] que têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. Por isso mesmo é o tipo mais complexo e delicado [...]. (GIL, 1999, p. 44)

Quanto aos dados que subsidiariam o trabalho referido, seria necessário atuar em duas frentes: dados primários e dados secundários¹⁰. Alguns dos fenômenos que interessam ao objeto em estudo, como a análise do perfil da indústria formal de calçados do CRAJUBAR e dos seus empregados, poderiam ser tratados através da Relação Anual de Informações Sociais – RAIS, do Ministério do Trabalho e Emprego – MTE. Além dessa fonte de dados secundários, as estatísticas publicadas pelos órgãos oficiais de pesquisa do estado do Ceará (a exemplo do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Estado do Ceará – IPECE) e do país (como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE) seriam fontes igualmente promissoras.

Ademais, o estudo de campo estaria entre os delineamentos adotados para confrontar os aspectos teóricos do tema, expostos anteriormente, com os dados da realidade, por meio da verificação empírica. Com isso, cumprir-se-ia o objetivo de descrever a inserção dos trabalhadores da indústria calçadista nas redes de sociabilidade, bem como será possível verificar as semelhanças e diferenças entre essas formas de inserção, comparando trabalhadores naturais e não-naturais do CRAJUBAR. Para tanto, o instrumento para a coleta dos dados se

¹⁰ A metodologia exigiria a presença de dados de duas naturezas: primária e secundária. Os primeiros, de acordo com Gil (2002), são aqueles obtidos mediante observação direta ou interrogação, sendo que a técnica mais freqüente para sua coleta consiste no questionário aplicado, no qual o registro das respostas é feito pelo pesquisador. Por sua vez, os dados secundários são aqueles que não são fornecidos diretamente pelas pessoas, a exemplo dos oriundos dos institutos de pesquisas. São “[...] os chamados *dados de papel*, que são constituídos pelo material escrito, embora, nos dias de hoje, nem todos os dados estejam contidos em folhas de papel, visto que há também fitas de vídeo, disquetes, CDs etc.” (GIL, 2002, p. 134).



constituiria em questionário, a ser aplicado junto aos empregados da indústria formal calçadista do CRAJUBAR, conforme amostra a ser calculada para o conjunto desta população.

Teoricamente, a pesquisa precisará ainda estar referenciada em autores e linhas de pensamento que discutam alguns fenômenos centrais, dentre os quais se podem citar: a urbanidade como forma de organização social contemporânea; a espacialidade das relações sociais e econômicas; a construção de redes de relações; os deslocamentos de mão-de-obra entre os territórios; as mudanças no mundo do trabalho em tempos de produção flexível; a centralidade do trabalho na sociabilidade contemporânea; e as formas de industrialização dos espaços sub-nacionais marcadas pelo paradigma do desenvolvimento local.

Evidentemente, o próprio caminhar das atividades poderá demonstrar a necessidade de incorporação de novos procedimentos metodológicos e de outros elementos para o arcabouço teórico, o que certamente acontecerá, da mesma forma que a adequação de estratégias traçadas inicialmente. Porém, isso não interfere na possibilidade de, desde já, selecionar alguns aspectos que norteiem o processo de investigação. Foi, portanto, com a pretensão de contribuir para tal que a presente comunicação foi produzida.

7 REFERÊNCIAS

ARAÚJO, I. M. de. Da formação de um ofício à grande indústria: marcas e trajetórias de um espaço produtivo. In: Anais do X Encontro Nacional da ABET. 2007.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. 6 ed. v. 1; São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CORDEIRO NETO, J. R.; BRITO, M. A. de. Perspectivas da ovinocaprinocultura na microrregião do Cariri cearense. In: Anais da X SEMOC. UCSAL. Salvador: 2007.

GIL, A. C. **Técnicas de pesquisa em economia e elaboração de monografias**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MOTA, D. M. da. **Trabalho e sociabilidade em espaços rurais**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil; Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2005.

QUEIROZ, S. N. de; COSTA JÚNIOR, M. P. Diferenças e semelhanças entre os empregados na indústria formal de calçados no Ceará e no Rio Grande do Sul – 1994/2004. XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2008 (No prelo).

QUEIROZ, S. N. de; MOREIRA, I. T. Migração para o Ceará nos anos 90. **Revista Economia em Debate**. URCA: Crato, 2007.

RAIS-MTE. Relação Anual de Informações Sociais. Ministério do Trabalho e Emprego. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br/pdf/acesso/raisonline.asp>>. Acesso em: 04/julho/2008.



XII SEMOC SEMANA DE
MOBILIZAÇÃO
CIENTÍFICA
SEGURANÇA: A PAZ É FRUTO DA JUSTIÇA



SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO A MICRO E PEQUENA EMPRESA - SEBRAE. **Pólos calçadistas do Ceará.** Disponível em: <<http://www.abicalcados.com.br/pólos-produtores>>. Acesso em 04/julho/2008.

SOUSA, E. P.; BRITO, M. A. de. Perfil socioeconômico e qualidade de vida dos residentes no perímetro urbano do Triângulo CRAJUBAR – CE, 2005. In: Anais da VIII SEMOC. UCSAL. Salvador: 2005.

TAVARES, M. da C. **Da substituição de importação ao capitalismo financeiro.** 11 ed, Rio de Janeiro: Zahar, 1983.